

EDITORIAL

A revista Comunicação & Educação, em seu último número de 2022, vem à luz sob o signo da esperança. Após quatro anos de ataques sistemáticos à educação, cultura, ciência e tecnologia, universidades públicas, para circunscrever a lista, vislumbramos horizonte profícuo para a (re)construção do país. À terra arrasada juntam-se demandas de inúmeras ordens: melhorias nas condições de vida dos enormes contingentes da população afastada dos salários dignos, recuperação de empregos, combate à fome, acesso à saúde e assistência social, apoio à pesquisa, às artes, ao mister educador. Enfim, a despeito do cenário complexo é preciso ouvir a voz rouca de Nelson Cavaquinho: “O sol há de brilhar mais uma vez/A luz há de chegar aos corações/Do mal será queimada a semente/O amor será eterno novamente [...]”¹.

O material que colocamos à disposição dos leitores e leitoras reúne, em suas cinco seções, um conjunto de textos de extrema atualidade, força indagativa e propositiva no tangente aos vínculos comunicativo-educativos. Podemos sistematizar os artigos nacionais em torno de quatro grandes eixos: o problema envolvendo a informação/desinformação, temática cuja relevância está a desafiar a própria saúde das democracias, haja vista a cena política dentro e fora do Brasil, toda ela recortada por fake news, notícias maliciosas, mentira pura e simples. E isto solicita dos/das coenunciadores/as maior discernimento frente ao que é posto em circulação pelos dispositivos midiáticos.

Tal ecossistema comunicativo nos leva a uma segunda preocupação tratada em vários dos artigos disponibilizados nesta Revista: o necessário avivamento da competência crítica, alfabetização midiática, leitura crítica. São termos/conceitos que emergem para enfatizar o fato segundo o qual os signos descentrados em palavras, imagens, sons e seus cruzamentos e confluências estão a solicitar atenção especiosa, apreensão diligente, agudeza no reconhecimento das ordens discursivas, vez que elas estruturam campos de sentidos, muitas vezes, gestados em mundos paralelos, realidades evanescentes, significantes despídos de significados. Ocorre que tudo isto funciona difundindo valores, (pré)conceitos, ideários regressivos e estapafúrdios – haja vista os movimentos antivacina e terraplanista, os caçadores fantasmáticos de comunistas e os entoadores de rezas clamando, em portas e muros de quarteis, a volta da ditadura. Conforme esclarecem alguns dos artigos ora publicados, a ação comunicativo-educativa ajustada aos registros analítico-críticos é decisiva para tornar mais profícuo e eficiente a leitura das variadas cadeias de mensagens disseminadas socialmente pelo aparato midiático.

A se acompanhar, ademais, dois outros vetores temáticos presentes nesta Comunicação & Educação: de um lado, o debate acerca dos modos de superação do que poderíamos chamar de conhecimento regulado e a busca dos saberes emancipatórios –

1 JUÍZO final. Intérprete: Nelson Cavaquinho. Compositores: Nelson Cavaquinho e Elcio Soares. In: NELSON Cavaquinho. Intérprete: Nelson Cavaquinho. [São Bernardo do Campo]: Odeon, 1973.

para os quais convergem, certamente, as estratégias atinentes à alfabetização midiática; e, de outro, a compreensão de que é possível ajustar determinados programas de ensino universitário a interesses das comunidades às quais estão vinculados, incluindo programas que permitam conhecer os mecanismos de funcionamento dos meios de comunicação.

Para o artigo internacional, contamos com a oportuna colaboração da professora Isabel Ferrin, docente aposentada da Universidade de Coimbra e pesquisadora do ICNOVA (Instituto de Comunicação da Nova/Lisboa). O seu tema, que vincula cidadania e literacias, possui forte conexão com o primeiro eixo de artigos, conforme situamos acima, permitindo, portanto, que os nossos leitores e nossas leitoras tenham um panorama de projetos europeus sobre educação para os meios, em assunto de inegável relevância: o da formação para a cidadania.

A entrevista deste número da Revista foi realizada com a educadora Nilma Lino Gomes. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – onde é docente –, doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado concluído junto à Universidade de Coimbra. Entre tantos títulos e méritos, essa mineira de Belo Horizonte foi a primeira mulher negra a dirigir uma universidade federal em nosso país: ela ocupou o cargo de reitora pro tempore (2013-2014) da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira).

A sua trajetória como professora, pesquisadora, militante do movimento negro traz uma série de iluminações para os que trabalham na interface comunicação e educação.

A seção de experiências permite acompanhar iniciativas inovadoras que foram implementadas em âmbitos como os da educação, ao longo da pandemia do coronavírus, e de proposições que vêm sendo feitas pelo MST (Movimento dos Trabalhadores sem Terra), visando a imantar formação pedagógica e processos de comunicação.

Por fim, elaboramos um conjunto de sugestões de trabalho e atividades a partir dos textos componentes desta edição e que poderão ser aproveitados pelos docentes em suas atividades didático-pedagógicas junto aos discentes.

Neste momento em que o verbo freiriano esperar retorna ao nosso circuito, podendo ser acionado em diferentes tempos e modos, façamos dele uso para tornar mais proficiente o estudo das interfaces educacionais.

Boa leitura

Os editores